



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

ROZANA MARIA DE MOLINER CARVALHO

**LEITURA COMO CAMINHO DE UMA SOCIEDADE
MENOS VULNERÁVEL EM TEMPOS DE IMEDIATISMO**

FLORIANÓPOLIS

2019

Rozana Maria de Moliner Carvalho

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Carvalho, Rozana Maria De Moliner

Leitura como caminho de uma sociedade menos vulnerável
em tempos de imediatismo / Rozana Maria De Moliner
Carvalho ; orientador, Silvia Inês Coneglian Carrillo de
Vasconcelos, 2019.

47 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de
Pós-graduação em Linguagens e Educação à Distância,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais, Educação e Filosofia. I. Vasconcelos,
Silvia Inês Coneglian Carrillo de . II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Pós-graduação em Linguagens e
Educação à Distância. III. Título.

Rozana Maria de Moliner Carvalho

Leitura como caminho de uma sociedade menos vulnerável em tempos de imediatismo

O presente trabalho em nível de Especialista em Linguagens e Educação a Distância foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof^ª. Dr^ª. Silvia Ines Coneglian Carrilho de Vasconcelos
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª M^a Teresinha Bunn Besen
Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof^ª M^a Patrícia Leonor Martins
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Especialista em Linguagens e Educação a Distância pelo Curso de Pós-Graduação em Linguagens e Educação a Distância.

Prof. Dr. Celdon Fritzen
Coordenador do Curso

Prof^ª. Dr^ª. Silvia Ines Coneglian Carrilho de Vasconcelos
Orientadora

Florianópolis, 22 de julho de 2019.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me presenteado com saúde, família e discernimento para escolher alguns bons propósitos nesta vida e ter a humildade de buscar outros através da educação.

A meus pais, por me ensinarem desde cedo o valor da família e do esforço na vida.

A minha irmã Luciana, pelo incentivo contínuo.

A Ricardo, que me trouxe razões maiores para persistir no esforço: Luiz Ricardo, Guilherme e João Pedro, filhos amados.

À Professora Silvia, orientadora, pela total disponibilidade, apoio e paciência durante o processo desta monografia.

À Isabel, tutora da Pós-Graduação, pelo acompanhamento importante e paciente durante todo o curso de especialização.

A todas as minhas colegas de trabalho, que me inspiram diariamente no fazer do ofício de professor, pela dedicação e integridade postas.

A minha avó materna, Benta, que um dia viúva foi acolhida numa escola para servir e de lá retirou sustento e estudo para minha mãe, minha eterna gratidão.

*“Oh, a terrível dúvida das aparências
Da incerteza, depois de tudo, de que talvez nos
tenhamos iludido...
Talvez, as coisas que percebo, os animais, as
plantas,
os homens, as colinas, águas correntes
brilhantes,
O céu do dia, as cores da noite, densidades,
formas –
talvez sejam, (como sem dúvida são)
aparências,
e o real seja algo que ainda está por ser
conhecido...”*

Walt Whitman

RESUMO

As questões sobre aprendizagem no contexto contemporâneo circundam o preparo do estudante para ajudá-lo a tornar-se pensador crítico e reconhece a relevância do impacto da tecnologia na sociedade pela expansão da malha digital. Apesar da pluralidade de métodos educacionais presentes, observa-se certo sentido comum de urgência na comunidade escolar em interferir e qualificar o professor em formação e em exercício, para que este seja capaz de contextualizar as novas ferramentas disponíveis e as múltiplas faces junto ao educando, a fim de promover uma postura crítica ante o Hipertexto. A partir do protagonismo da leitura e da cultura em suas múltiplas roupagens, este estudo vem dialogar também com a relação dos sentidos do ambiente digital, os letramentos ainda solicitados pela linguagem do hipertexto e o que designa como benefício aos coletivos sociais e apresenta exemplos do que vem sendo desenvolvido numa escola de Florianópolis, de vertente montessoriana, Observa-se, ao final, a cultura da inovação oportunizando conhecimento e estudo.

Palavras-chave: Sociedade digital. Leitura. Saber. Conhecimento. Educação.

ABSTRACT

Learning issues in the contemporary context surround the student's preparation to help him become a critical thinker and recognize the relevance of the impact of technology on society by expanding the digital mesh. Despite the plurality of educational methods present, there is a certain common sense of urgency in the school community to interfere with and qualify the teacher in training and in the exercise so that the teacher is able to contextualize the new tools available and the multiple faces with the student, in order to promote a critical attitude towards Hypertext. Based on the protagonism of reading and culture in its multiple forms, this study also discusses the relation of the senses of the digital environment, the literatures still requested by the hypertext language and what it designates as a benefit to the social collectives and presents examples of what has been developed in a Montessori school in Florianópolis. In the end, the culture of innovation provides opportunities for knowledge and study.

Keywords: Digital society. Reading. Knowledge. Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	DELIMITAÇÃO DO TEMA	11
1.2	OBJETIVOS.....	11
1.2.1	Objetivo geral	11
1.2.2	Objetivos específicos.....	11
1.3	JUSTIFICATIVA.....	12
1.4	METODOLOGIA	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO E ANÁLISE.....	15
2.1	A QUESTÃO EDUCACIONAL.....	15
2.2	PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO E LETRAMENTOS	23
2.3	LETRAMENTO É CONSTRUÇÃO CRÍTICA OU SITUACIONAL?.....	25
2.4	TIC, COMUNICAÇÃO E NOVOS LETRAMENTOS.....	28
2.5	PRÁTICAS DE LEITURAS NA INTERNET – CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO HIPER-LEITOR.....	31
2.6	CASO ESCOLA – POSTURAS E PRÁTICAS DA SALA DE AULA.....	32
2.7	SOBRE AS FERRAMENTAS EDUCACIONAIS.....	37
2.8	NATIVOS DIGITAIS E PROFESSORES – TRÂNSITO NO HIPERTEXTO	41
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
	REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

O material a ser produzido neste Trabalho Final de curso de pós-graduação pretende tratar de questões que circulam na área das Ciências Humanas da Comunicação, sob um sutil e, porventura, particular viés sociológico, ao circundar indivíduos e ações sociais respectivas que trazem reflexo ao mundo que habitamos. Com inspiração em Bauman (1999), a respeito da Sociedade Líquida e dos processos humanos que coexistem em sua fluidez atual, propõe-se observar o compartilhamento dos signos atuais de comunicação, em particular o hipertexto e a postura democrática nos espaços do ambiente digital oferecido às novas gerações. A inclusão de certas inquietações acerca da formação dos profissionais da educação, que contribuem e beneficiam-se, ininterruptamente da rede e do fazer educacional, se dá pela importante distinção do conhecimento em si e da opinião, já citados anteriormente pelos clássicos. Ao abordá-los, explora-se o interesse pelos mesmos através da significativa parceria com estudos do letramento, a fim de aprimorar as habilidades leitoras e o desenvolvimento das múltiplas competências.

Compartilham-se, neste estudo, alguns questionamentos trazidos na tese de Xavier (2002), ao tratar do poder totalizante das mídias sobre a vida das pessoas, sobretudo as reflexões sobre a mudança no processamento da leitura realizada no hipertexto, devido a sua natureza plural e modal, e seus efeitos na educação. Concorde-se com o autor ao afirmar que a hipermídia tem sido responsável pela profusão e sobrecarga ilimitada de dados. “Ela descentraliza, via rede mundial de computadores, a informação e democratiza o conhecimento” (XAVIER, 2002, p. 8). Soma-se, a isso, a urgência motivacional dos indivíduos para se apropriarem do letramento digital, como um imperativo social e cognitivo proposto por essa nova ordem social tecnologizada, que vem reconfigurando o papel das instituições na sociedade em todos os setores.

Diante dessas perspectivas, a mudança de metodologias de transmissão e/ou produção de saberes para a aprendizagem colaborativa e personalizada, já manifestada pela geração digital no compartilhamento de saberes, reforça o percurso que ainda precisa ser realizado pela educação. Segundo Moran (2018), as mudanças na Educação demorarão mais do que se pensa, pois estamos em processos desiguais de aprendizagem e evolução pessoal e

social.

Além disso, dialoga-se com os documentos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que afirma buscar garantir a formação de cidadãos críticos, criativos e participativos.

A partir do advento da internet em rede afirmou-se que as relações sociais e comunicativas das sociedades em geral aceleraram sua transformação. Há mesmo um pressuposto teórico, dos historiadores e pensadores da Escola de Toronto – Harold Innis e Marshall McLuhan –, de que as mudanças nas formas de comunicação oral, escrita e as atividades de linguagem, alteram as práticas socioculturais e institucionais dos coletivos humanos no curso da história. Agilidade, *multitask*, conectividade, compartilhamento de saberes representam habilidades valorizadas numa balança social onde o consumismo e a superficialidade também se apresentam. Por isso, decide-se observar teorias sobre os multiletramentos e as competências que se relacionam com as práticas realizadas no ambiente em foco, aqui, o hipertexto, num recorte pontual para possibilitar as reflexões pretendidas deste estudo.

A abordagem dos temas da comunicação nos modos atuais de enunciação digital representa uma tentativa de falar de poder. Certo tempo atrás, o domínio do código alfabético também representou isso para a sociedade iletrada ou ágrafa. Para alguns autores, as relações estreitas entre saber e poder, já postuladas por Foucault em seus estudos, chegaram ao ápice (XAVIER, 2002, p. 7). Todavia, o conjunto formado pela passagem do tempo e a evolução dos meios de comunicação, permitiu observar-se as novas formas de códigos conjuntos, representantes de outros modos de enunciação e cognição e, em foco, seus usuários, descendentes de letramentos gerais. Sabe, contudo, destacar o caráter de democratização de saberes que os novos meios ofereceram. Para Malini (1998), o saber do poder sempre foi gerado em isolamento da sociedade ou, pelo menos, com significativo distanciamento. A produção abundante de narrativas online faz parte dessa luta contra o poder, reforça Malini (1998, p. 141). “Na prática, a internet permite que a verdade não se torne homogênea”, afirma.

Soma-se a esse estudo um olhar interrogativo ao papel do educador e do novo educando, nativo digital, considerando as relações estabelecidas entre os letramentos. Portanto, ousou-se abordar a temática dos multiletramentos a partir da pesquisa bibliográfica, com intuito de rever as referências teóricas que fundamentam o estudo sobre as formas de

leitura e escrita diferenciadas que surgiram em formato de hipertexto e também a utilidade interacional dos novos modos enunciativos, a partir de um viés sócio-educacional e pela valoração particular do tema em si.

Assim, aproximo-me das questões neste texto introdutório que provocaram meu interesse pela pesquisa em si e tais, poderiam merecer estudos futuros.

- a) Existiriam conceitos imprescindíveis para um usuário da rede – Internet – fazer as leituras com eficiência?
- b) A gamificação, a roteirização das aulas ocorre para entreter? Concorrer?
- c) Se parece inaceitável afirmar que a tecnologia determina as formas de ser e de raciocinar do homem, quais são os derivados desse novo contexto sociotécnico?

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

O presente estudo pretende uma reflexão analítica acerca das competências necessárias ao desenvolvimento do letramento digital relacionadas ao desenvolvimento do letramento genérico.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Discutir sobre os letramentos, a leitura hipertextual da nova geração e as contribuições desse modo de enunciação digital segundo uma perspectiva socioeducacional.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Levantar as competências do letramento genérico que são solicitadas no digital;
- b) Correlacionar as exigências do letramento digital com as competências e

habilidades que estão previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

- c) Evidenciar ações educativas de um ambiente escolar montessoriano compatíveis com as proposições feitas pela BNCC.

1.3 JUSTIFICATIVA

Com atividade profissional desenvolvida há mais de 20 anos na área da educação dos ciclos iniciais, continuamente lançou-se atenção especial às habilidades leitoras a serem desenvolvidas nas crianças. Entendia-se, a partir de experiência particular, que a proximidade com a literatura tornava maior não somente o repertório oral e escrito, mas permitia a fundamentação de associações derivadas da leitura, conseqüentes de estratégias que aos poucos foram sendo desenvolvidas e ajustadas e possibilitaram gerar inserções úteis nas relações cotidianas. Soma-se a isto a consideração imprescindível de tal característica para o exercício adequado da função docente e a relevância dos resultados insatisfatórios dos institutos de pesquisa acerca das habilidades leitoras dos estudantes, ao final do Ensino Básico no Brasil.

As práticas de leitura e escrita, originadas com a construção da cultura no espaço da Internet e o impacto na vida do cidadão comum, promoveu interesse de estudiosos. Esses foram responsáveis por trabalhos e pesquisas sobre multiletramentos na era digital, a constituição de novos modos de enunciação e os efeitos dessa ordem na educação de jovens e crianças, assim como a atenção para a identidade docente neste conjunto informacional. Por isso, para enriquecer a análise proposta, apresentam-se contribuições de autores reconhecidos e espera-se que as inserções feitas possam conduzir para uma abordagem mais crítica e questionadora desse contexto socioeducacional prometido pelo hipertexto.

Como a produção científica tem por objetivo apropriar-se da realidade para melhor analisá-la e, em momento posterior produzir transformações, considera-se pertinente revestir de importância o argumento do tema das competências indispensáveis ao letramento digital. Diante da velocidade como se expandiu a rede e as associações que perduram com o multiletramento, justifica-se o crescente interesse intelectual e financeiro e suscita novos estudos, uma vez que o uso das tecnologias no ambiente de ensino-aprendizagem é contemplado agora na BNCC e provocará alterações nos currículos escolares. Contudo, salienta-se que tal interesse já foi anteriormente manifestado, como o recorte da obra de Schultz ao citar que

[...] Embora a educação, em certa medida, uma atividade de consumo que oferece satisfações às pessoas no momento em que obtêm um tipo de educação, é predominantemente uma atividade de investimento realizado para o fim de aquisição de capacitações que oferece satisfações futuras [...]. Dessa forma, uma parte sua é um bem de consumidor aparentado com os convencionais bens duráveis do consumidor, e outra parte é um bem de produtos. Proponho, por isso mesmo, tratar a educação como um investimento e tratar suas consequências como uma forma de capital. Dado que a educação se torna parte da pessoa que a recebe, referir-me-ei a ela como CAPITAL HUMANO. Dado que se torna parte integral da pessoa, não pode ser comprada ou vendida ou tratada de acordo com as nossas instituições, como propriedade. (SCHULTZ, 1973, p. 79).

A propósito disso, cabe associar o saber, entendido como capital de valor, mais acessível e democrático, todavia, em constante alternância nos moldes digitais. A partir das múltiplas possibilidades de relação que se oportunizam com a rede e a partir dela, supõe-se que o(s) saber (es) do(s) indivíduo(s) tende(m) a aprimorar-se com o conhecimento social que instiga e se difunde no ambiente digital. Há evidências do quanto as diferentes perspectivas compartilhadas oportunizam a construção do conhecimento, mas ressalta-se que este, em cada pessoa, é de uma singular modalidade de aprendizagem e resulta da conjugação de outros saberes prévios.

1.4 METODOLOGIA

Para Fonseca (2002), *methodos* significa organização, e *logos*, estudo sistemático, pesquisa, investigação; ou seja, metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência. Etimologicamente, do grego, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica. Essa concepção remete, portanto, a um campo do conhecimento. Nesse sentido, esta seção não poderia ser nomeada de metodologia, mas de “método”. Todavia, o sentido de descrição dos métodos (ou caminhos) adotados durante um percurso de pesquisa já ganhou aceitação no meio acadêmico, como se pode observar adiante.

Minayo (2007) define metodologia de forma abrangente e concomitante

[...] a) como a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou o objeto de investigação requer; b) como a representação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como a “criatividade” do pesquisador, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas.

Por se tratar de pesquisa de cunho mais reflexivo, este trabalho de final de curso se caracteriza como qualitativo. Em relação à metodologia, a pesquisa qualitativa tem como principal objetivo interpretar o fenômeno que observa. Desse modo, não existem hipóteses preconcebidas: suas hipóteses são construídas após a observação. Segundo Minayo (2007, p. 79), “[...] a análise e interpretação de uma perspectiva de pesquisa qualitativa não tem como finalidade contar opiniões ou pessoas. Seu foco é, principalmente, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar”.

Portanto, a pesquisa qualitativa tem por objetivo conhecer a realidade dos sujeitos da pesquisa bem como a realidade do fenômeno ou temática eleita. Nesse sentido, este trabalho final de curso de especialização é resultado de uma pesquisa, caracterizada como qualitativa porque oferece em seu conjunto o conhecimento resultante de estudos conduzidos e (co)relacionados com os novos gêneros comunicativos, derivados de um contexto sociotécnico mais favorável.

Quanto aos procedimentos, de acordo com Fonseca (2002), a pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar, como um processo permanentemente inacabado. Ela se processa através de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo subsídios para uma intervenção no real. Dentre os muitos procedimentos, há a pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2002, p. 44), “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica está no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e se registrou a respeito do tema de pesquisa. Tais vantagens revelam o compromisso da qualidade da pesquisa. Assim, além de permitir o levantamento das pesquisas referentes ao tema estudado, a pesquisa bibliográfica permite ainda o aprofundamento teórico que norteia a pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E ANÁLISE

2.1 A QUESTÃO EDUCACIONAL

Paulo Freire, em sua obra *Ação cultural para a liberdade*, reproduzia uma fundamental advertência de Marx em sua Terceira Tese sobre Feuerbach: “O educador também precisa ser educado”. Em outras palavras, a fundamental importância do desenvolvimento da consciência do educador, exibida em reflexão e ação, poderá ser responsável indiretamente por uma conscientização.

[...] A compreensão do processo de conscientização e sua prática se encontra, portanto, em ligação direta com a compreensão que se tenha da consciência em suas relações com o mundo [...]. Assim, a transformação da realidade se dá pela transformação da consciência. [...] A consciência de si, dos seres humanos, implica na consciência das coisas, da realidade concreta em que se acham como seres históricos e que eles aprendem através de sua habilidade cognoscitiva. (FREIRE, 1982).

Por motivos distintos, compreendem-se atuais as preocupações de Freire acerca da falta de clareza que experimenta o educador com relação à sua tarefa primeira de conscientização, como se fosse um signo estrangeiro que ainda não está usado na sentença adequada e, por isso, ainda não produziu o efeito que poderia causar. E são as palavras também de Freire que explicitam a relação da constituição da educação e da sociedade, entrelaçadas:

Na verdade, porém, não é a educação que forma a sociedade de uma certa maneira, mas a sociedade que, formando-se de uma certa maneira, constitui a educação de acordo com os valores que a norteiam. Mas, como este não é um processo mecânico, a sociedade que estrutura a educação em função dos interesses de quem tem o poder, passa a ter nela um fator fundamental para sua preservação. (FREIRE, 1982, p. 146).

Com esta perspectiva, Paulo Freire insiste na “compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na descodificação pura da palavra escrita ou de linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo (1982, p. 1). Então, do livro que já foi objeto cultural da classe dominante, e de acesso desejado pelas dominadas, passam-se a novas

formas de escrita que democratizam o acesso e a(s) cultura(s). De acordo com Bordini e Aguiar (1987), não há cultura melhor nem pior: há culturas diferentes, segundo as experiências dos homens que as produzem. E um sentido de cultura adequado a estas reflexões vem da contribuição de Bourdieu:

[...] É o papel da cultura apontar os autores em que se tem possibilidade de encontrar ajuda. Existe um senso filosófico que é semelhante a um senso político. A cultura é essa espécie de saber gratuito, para todos os fins, que se adquire em geral numa idade em que ainda não se tem problemas para colocar. Pode-se passar a vida a aumentá-la, cultivando-a por si mesma. Ou, então, pode-se usá-la com uma espécie de caixa de ferramentas, quase inesgotável. Os intelectuais são preparados pela lógica de sua formação para tratar as obras herdadas do passado como uma cultura, isto é, como um tesouro que se contempla, que se venera, que se celebra – e que por isso mesmo os valoriza – em suma, como um capital destinado a ser exibido e a produzir dividendos simbólicos, ou simples gratificações narcisistas, e não como um capital produtivo que se investe na pesquisa, para produzir resultados. (BOURDIEU, 1990, p. 43).

Tais concepções, no entanto, poderiam ser criticadas se, desse jeito, levassem à educação um papel conservador, um reforço a um status de superioridade.

Essa visão “pragmática” pode parecer chocante, a tal ponto a cultura está associada à ideia de gratuidade, de finalidade sem fim. E certamente era preciso ter uma relação um pouco bárbara com a cultura – ao mesmo tempo mais “séria”, mais “interessada” e menos fascinada, menos religiosa – para tratá-la assim, especialmente no caso da cultura por excelência, a filosofia. (BOURDIEU, 1990, p. 43).

Então, diante das múltiplas conexões que possibilitaram o compartilhamento de culturas e o que elas representam enquanto letramentos valorizados, este estudo reenuncia a leitura e os novos espaços em que esta prática se difunde e é compartilhada. Desse jeito, expandiu-se em muitas reflexões o falar de leitura, leitores, letrados e literatura.

[...] muito cedo obrigou-me a refletir sobre o problema que desejo lhes propor como tema de reflexão, de discussão. Será que se pode ler um texto sem se interrogar sobre o que significa ler? A condição preliminar de toda construção de objeto é o controle da relação muitas vezes inconsciente, obscura, com o objeto a ser construído (muitos discursos sobre o objeto na verdade não passam de projeções da relação objetiva do sujeito com o objeto). É aplicando esse princípio muito geral que pergunto: será que se pode ler qualquer coisa sem se perguntar o que significa ler, sem se perguntar quais são as condições sociais de possibilidade da leitura? (BOURDIEU, 1990, p. 134).

No intuito de envolver-se por questões ainda não respondidas, por lacunas acerca da condição de formação leitora mais adequada àqueles que presumem exercitar o ofício entre

letras e crianças e jovens, pactua-se das intermináveis questões que circundam esse tema, explícitas por Bourdieu.

[...] E, talvez por eu ser impertinente, fui levado a me interrogar sobre essa coisa não interrogada. Por exemplo, a tradição medieval opunha o lector, que comenta o discurso já estabelecido, e o auctor, que produz um discurso novo. Essa distinção equivale, na divisão do trabalho intelectual, à distinção entre o profeta e o padre na divisão do trabalho religioso. O profeta é um auctor que é filho de suas obras, alguém que não tem outra legitimidade, outra auctoritas, além de sua própria pessoa (seu carisma) e de sua prática de auctor, alguém que é, portanto, o auctor de sua própria auctoritas; o padre, ao contrário, é um lector, detentor de uma legitimidade que lhe é delegada pelo corpo de lectores, pela igreja, e que está fundada em última análise na auctoritas do auctor original, a quem os lectores ao menos simulam referir-se.

Mas isso não basta. Interrogar-se sobre as condições de possibilidade da leitura significa interrogar-se não só sobre as condições sociais de possibilidade das situações em que se lê (e imediatamente se percebe que uma dessas condições sociais é a *scholè*, a forma escolar do ócio, ou seja, o tempo de ler, o tempo de aprender a ler), mas também sobre as condições sociais de produção de lectores. Uma das ilusões do lector é a que consiste em esquecer suas próprias condições sociais de produção, em universalizar inconscientemente as condições de possibilidade de sua leitura. Interrogar-se sobre as condições desse tipo de prática que é a leitura significa perguntar-se como são produzidos os lectores, como são selecionados, como são formados, em que escolas, etc. Seria preciso fazer uma sociologia do sucesso [...]. Seria preciso perguntar-se, por exemplo, se a semiologia não foi um modo de operar da velha tradição da explicação de textos e, ao mesmo tempo, de permitir a reconversão de uma determinada espécie de capital literário. Eis algumas das perguntas que precisariam ser colocadas. (BOURDIEU, 1990, p. 135).

Eis a questão que perdura ainda hoje: em que e como essas condições sociais de formação dos leitores – e, em termos mais genéricos, dos intérpretes – podem afetar a leitura que eles fazem dos textos e dos documentos que utilizam?

[...] Nossa leitura é a leitura de um letrado, de um leitor, que lê um leitor, um letrado. E, portanto, há uma grande probabilidade de que tomemos como evidente tudo o que esse letrado tomava como evidente, a menos que se faça uma crítica epistemológica e sociológica da leitura. Situar a leitura e o texto lido numa história da produção e da transmissão culturais significa ter uma possibilidade de controlar não só a relação do leitor com seu objeto, mas também a relação com o objeto que foi investido nesse objeto. (BOURDIEU, 1990, p. 142).

Há de se destacar, todavia, que o grupo social não é um todo homogêneo. Através das contínuas trocas, o homem se certifica de seu conhecimento do mundo e dos outros

indivíduos, assim como de si mesmo e concomitante é participativo das transformações que o circundam.

[...] Cada um dos elementos “etnográficos” adquire sentido no contexto da obra em que está inserido e a partir do conjunto das obras presentes ou passadas a que a obra (e portanto, o seu autor, também ele relacionado com outros autores) faz referência implícita ou explicitamente. A cultura letrada, erudita, define-se pela referência; ela consiste no permanente jogo de referências que dizem respeito mutuamente umas às outras; ela não é nada mais do que esse universo de referências que são indissolúvelmente diferenças e reverências, distanciamentos e atenções. (BOURDIEU, 1990, p. 144).

E Bourdieu ainda afirma que é por esse motivo que o anacronismo está inscrito na atitude tradicional com respeito à cultura; o letrado tradicional vive sua cultura como viva e se percebe como contemporâneo de todos os seus predecessores. A cultura e a língua mudam porque sobrevivem num mundo que muda: o sentido de um verso, de uma máxima ou de uma obra muda pelo simples fato de se achar mudado o universo das máximas, dos versos ou das obras simultaneamente propostos àqueles que o apreendem, o que se pode chamar de espaço dos possíveis.

O anacronismo destemporaliza a obra, arranca-a do tempo, ao mesmo tempo em que a temporaliza ao atualizá-la continuamente pela permanente reinterpretação, ao mesmo tempo fiel e infiel. Esse processo conclui-se quando a reinterpretação letrada do lector aplica-se às obras de uma tradição letrada e quando a lógica da reinterpretação é a mesma lógica da coisa interpretada. (BOURDIEU, 1990, p. 146).

Este estudo, por vezes múltiplice, considera a condição educacional do Ensino Básico neste país, por vezes desatendida neste contexto hipermidiático. Isso posto, reforça a necessidade de versar mais sobre as reais carências que acompanham o estudante brasileiro de modo geral, oriundo das escolas públicas e privadas, nas complexas questões que circundam os temas do letramento, habilidades linguísticas e sociedade.

De acordo com Maristela Sarmiento (2019), vivemos um momento de grande expectativa nas escolas e nos sistemas educacionais de todo o país. Há uma nova referência nacional para a organização dos currículos, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, que trará importantes repercussões na educação nos próximos anos, em todos os níveis de ensino. A escola, afirma Sarmiento, bem como as linhas gerais do que fazem e como trabalham, faz parte de um projeto humano de vida em sociedade.

Concorda-se com Sarmiento quando ela salienta que, por estarem a serviço desse projeto, as escolas são comprometidas com a visão de mundo que as sustenta e,

independentemente de sua origem, toda escola desempenha o mesmo papel fundamental de preparar as novas gerações para a evolução positiva de um projeto de sociedade. Discorrendo sobre a escola e seu papel, Sarmiento versa sobre o chão da escola, que está se deslocando lentamente no que concerne às certezas das operações educacionais. Tal movimento, atualmente não é mais lento para ser ignorado. Pode-se dizer, junto com a autora, é a reverberação de um mundo que se transforma rápida e aceleradamente, tornando-se cada vez mais complexo, interligado, global, fluido, tecnológico e mediado por dispositivos inteligentes que, apesar dos avanços fundamentais em todos os campos de interesse humano, trazem inquietantes desafios ao nosso modo de vida e à própria subsistência da vida humana em sua plenitude e dignidade.

Também se partilham as inquietudes e aflições acerca da imprevisibilidade no que trata das consequências de transformações tão intensas vividas nas últimas décadas.

Como estará o mundo daqui a 20 ou 30 anos? Que acontecimentos vão alterar imprevisivelmente o rumo das coisas? Haverá emprego para todos? Que tipo de atividades será necessário? Quais dilemas éticos deveremos enfrentar? O mundo será mais igualitário ou o fosso das desigualdades continuará aumentando? Será que apenas um punhado de grandes organizações vai dominar toda a economia do planeta? Como será nossa relação com as máquinas ultrainteligentes que estarão em ação? Teremos privacidade ou cada um de nós estará amplamente mapeado? (SARMENTO et al., 2019, p.8).

Percebe-se que a cultura digital criou, para uma parcela da população, novas expectativas geradas a partir de experiências que se tem em outros segmentos, e essas expectativas interferem sobre o que se faz e o modo como se faz. Para Sarmiento (2019), é possível que a família espere que a comunicação com o colégio seja tão ágil quanto aquela que experimentam em outros contextos com o WhatsApp,

[...] ou então, esperar que as transações financeiras sejam tão fáceis como o pagamento de uma corrida de Uber ou, ainda, que todo o material didático seja fornecido de modo similar ao que ocorre na Netflix. Os alunos, por sua vez, podem esperar que as aulas sejam tão envolventes quanto um videogame, que os conteúdos sejam mais interativos e acessados de qualquer dispositivo, como tudo na web. Já os professores podem esperar que uma parte das atividades burocráticas seja aliviada pela automação, que o desempenho dos alunos seja rastreado para lhes fornecer dados que possam ser usados nas escolhas e encaminhamentos pedagógicos e quem sabe, que sistemas inteligentes possam apoiar os processos avaliativos. A lista de expectativas é imensa [...]. (SARMENTO, 2019, p. 9)

Portanto, ao envolver e considerar os desafios das escolas em alinhar suas concepções e interpretar o tempo presente, esta reflexão se organiza como participante de um movimento de transformação social.

No Brasil, os marcos legais que norteavam a elaboração dos currículos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil, não tinham caráter obrigatório. Segundo o MEC, a elaboração da Base Nacional Comum Curricular “é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.”

No texto introdutório do documento da BNCC há dez Competências Gerais que devem nortear o trabalho em todas as etapas de ensino. Estão divididas da seguinte forma:

Cognitivas

- a) Conhecimento
- b) Pensamento Científico, crítico e criativo
- c) Repertório cultural (Cultura)

Comunicativas

- a) Linguagens
- b) Argumentação
- c) Tecnologias

Socioemocionais

- a) Autonomia e autogestão
- b) Autoconhecimento e autocuidado
- c) Empatia e cooperação
- d) Responsabilidade e cidadania

O termo Educação Holística foi proposto (MILLER, 1997) para considerar todas as facetas da experiência humana na educação e a noção de contínua transformação do mundo leva à educação a expectativa de contemplar o ser humano integral. De acordo com Boy

(2019), não somos somente seres de cognição, de aprendizagens. Somos comunicação, afetos e relacionamentos. Associa-se este particular projeto às suas ideias manifestas de estarmos hoje diante de um desafio: rever o que não foi alcançado no passado, expresso nos baixos índices educacionais, sem deixar de olhar para o futuro, o que requer de nós novos olhares sobre as necessidades da modernidade.

No livro “*Growing Up Digital*”: *The Rise of the Net Generation (Crescimento Digital: A ascensão da geração em rede)*, o autor Don Tapscott (1998), discorre sobre o fato de que um estudante pré-adolescente da atualidade terá sido exposto a 30 mil horas de informação digital quando chegar aos 20 anos.

Diante da realidade da cultura da tela entre os adolescentes, Motta Filho (2019) em seu artigo *Flipped Classroom – uma estratégia ativa de aprendizagem*, sugere que novas formas de ensino sejam indispensáveis para envolver a nova geração, digitalmente ativa, na aprendizagem escolar. Motta Filho os denomina *multitask*, como uma alusão ao fato de fazerem várias tarefas ao mesmo tempo e frequentemente usarem recursos digitais para se expressarem e até mesmo para evitarem desgastes, aborrecimentos ou comprometimentos. Conforme destacou ainda, essa geração digital possui grande afinidade com ambientes repletos de sensores, frameworks, e aplicativos que permitam respostas rápidas, elogios ou recompensas. Vivem no agora e tudo deve acontecer de maneira instantânea. “Seus cérebros estão sempre no modo *On* para múltiplos canais de informação, embora a atenção e a compreensão possam ser consideradas superficiais. Eles querem que tudo aconteça rapidamente e, como resultado, quase sempre são impacientes”.

Desse modo, compartilha-se com Motta Filho a impressão de que falar das características dos indivíduos *touchscreen* é reforçar as características das pessoas das gerações Z e Alpha, que nasceram e estão crescendo em uma sociedade com uma evidente cultura de internet, em um ambiente orientado para a multimídia e suas infinitas possibilidades. Portanto, compreende-se que há desígnios sociais suficientes para o ambiente educacional, em constante criação de novos caminhos, perseguir novas táticas e alternativas inovadoras em termos de metodologias de ensino. Entretanto, ao abordar o que é inovação da prática pedagógica, tem-se, em Perrenoud (2002, p. 62, apud SARMENTO et al., 2019, p.

78), que “em última instância, inovar é transformar a própria prática, o que não pode acontecer sem uma análise do que é feito e das razões para manter ou mudar”.

A BNCC, recentemente divulgada pelo governo, propõe uma série de competências e habilidades, cujo desenvolvimento deve ser previsto e trabalhado nos currículos escolares. Destaca-se a Competência Geral de número 5:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BNCC, 2018).

Acredita-se que a escola, através da mediação qualificada do professor, tem papel fundamental no desenvolvimento dessa competência, se, enquanto instituição de ensino, privilegiar sua identidade de caráter formativo e abandonar as características de retenção e domínio do conhecimento. Dessa forma, encaminhar-se-ia para o compartilhar responsável de práticas de comportamentos e atitudes que fortalecem o conhecimento. Segundo a Unesco, o desafio é tornar a tecnologia um meio que desperte o interesse dos alunos e facilite o aprendizado. “A tecnologia não pode ser um fim em si mesma”. Desse modo, salienta-se o receio da incompreensão das propostas postas pelo documento, se não forem visualizadas em seu contexto. No ensejo de que não se torne mais um caso de déficit de leitura ou de letramento, associou-se o termo a este estudo, e é o que se abordará no próximo capítulo.

Desse modo, supõe-se o discutir e reconsiderar as habilidades leitoras de distintos códigos, ainda com atenção. Por isso, dá-se ênfase às propostas da BNCC:

A sociedade contemporânea impõe um olhar inovador e inclusivo a questões centrais do processo educativo: o que aprender, para que aprender, como ensinar, como promover redes de aprendizagem colaborativa e como avaliar o aprendizado. No novo cenário mundial, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, produtivo e responsável requer muito mais do que a acumulação de informações. Aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, são competências que se contrapõem à concepção de conhecimento desinteressado e erudito como fim em si mesmo. (BRASIL, 2017, p. 17).

Numa tentativa de associar o diversificado painel de linguagens, incrementado exponencialmente no ambiente moderno e digital, às habilidades de letramento, observo como recursivas as competências específicas de Linguagem destacadas neste texto, que se referem à Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental. Para a BNCC, desenvolver habilidades leva ao aprimoramento das competências, a saber:

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal, corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. (BRASIL, 2018, p. 65)

2.2 PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO E LETRAMENTOS

Parece provável que a história da cultura, afinal, tenha caminhado em sentido paralelo à história do ser humano. Com a pretensão de contexto, remonta-se ao período de caça e coleta -nômade- para a influência que a prática da agricultura e a espera das colheitas iria produzir na sociedade humana. Salientar-se-á neste capítulo a linguagem, uma das ferramentas de maior ação sobre a construção das culturas. Tem-se o conceito em Vygotsky, de que tal definição ainda se mostra pertinente em nosso tempo moderno.

[...] Mais especificamente, a linguagem permitiu que os membros de um grupo social compartilhassem suas experiências pessoais tornando seus conhecimentos coletivos e também propiciou a passagem desses conhecimentos de uma geração para outra, ou de um grupo social para outros. Esses vieses culturais são marcados na linguagem, conseqüentemente na forma como as diferentes culturas interpretam a realidade do mundo natural e social”. (BRAGA, 2013)

Segundo estudiosos, as convenções linguísticas surgiram quando determinados sons e movimentos do corpo ganharam sentidos em certos contextos de práticas sociais específicas e passaram a ser usados coletivamente de forma convencional.

[...] Ou seja, esses movimentos e sons passaram a ser usados como signos linguísticos, permitindo a comunicação entre os indivíduos dos agrupamentos humanos. Com o assentamento desses grupos humanos, foi necessário criar ferramentas e meios que garantissem a preservação das informações consideradas essenciais para a comunidade. Os desenhos nas paredes das cavernas, já foram usados muitas vezes como uma forma de registro de questões que refletem preocupações diretas com a sobrevivência do grupo, com a colheita e a caça. (BRAGA, 2013, p. 26)

Dessa maneira, tem-se a necessidade como o fator determinante para o surgimento de caminhos que foram sendo encontrados pelos indivíduos gradativamente ou, segundo Braga (2013), acidentalmente. A mesma faz relevância à certa relação entre a história da evolução da escrita em analogia a lacunas de expressão na oralidade, ao mencionar que a busca por adequar a linguagem às novas formas de mediação, explica muito sobre as alterações que identificamos na natureza do texto ao longo da história.

Soma-se a esse pensamento a reflexão de que isso foi cada vez mais particularizando:

[...] e diferenciando a modalidade escrita da oral, que com o passar do tempo, a escrita passou a ocupar um lugar de maior prestígio dado seu uso cada vez mais presente nos registros institucionais e oficiais. Paralelo a esse movimento, o prestígio social, aliado ao fato de haver formas mais ágeis e de baixo custo para a reprodução textual, fizeram com que a escrita fosse não só apropriada, com também demandada nas práticas educacionais. (BRAGA, 2013)

A abordagem de recorte do tempo ao período de vida de Sócrates, proposto em Braga, fez rememorar quão veementemente crítico o era do uso da escrita, como instrumento da educação. A cultura de ensinar do filósofo era centrada em um processo de perguntas e respostas, que demandava interações face a face. Neste momento histórico, na Grécia antiga, os conhecimentos culturais (mesmo os de natureza mais erudita) eram transmitidos de forma

oral. A situação, assinalada neste estudo, dá-se pela pertinência contextual na observação das críticas socráticas. Sabe-se que na sua época, não havia os avanços da tecnologia de suporte e tampouco as convenções de adaptações de linguagem ao meio com que se conta hoje em dia.

Sócrates, portanto, se posicionava dentro de um contexto histórico no qual a cultura de ensinar e aprender, incorporada aos “métodos de ensino”, assim como a tecnologia da escrita, eram diferentes daquelas que conhecemos na atualidade. Mas, as sociedades mudaram. (BRAGA, 2013)

Essa cogitação do passado vem para contribuir na reflexão sobre o processo histórico que gerou as práticas de letramento tradicionais e a influência mestra dos contextos sociais e políticos em que as mesmas se inserem, tal qual encontrar-se-á o digital.

Sócrates, este pensador da tradição clássica, teria seu método de trabalho, exemplar para sua época, considerado inadequado às necessidades da sociedade atual, assim como para alguns educadores que retêm forte a tradição do ensino centrado na figura do professor e receiam a mudança que as novas práticas letradas digitais propõem. Associa-se às palavras de Braga ao apontar para a necessidade de a escola abrir-se para novas práticas de leitura e produção textual e passar a buscar novos modos de construção do conhecimento, pois o espaço social em que os alunos circularão e as práticas institucionais ou cotidianas que os aguardam, fazem novas demandas.

Pelos motivos acima expostos e integrada ao fator de necessidade, também poderia se incluir a impermanência, a transitoriedade das situações e sujeitos como uma noção compreendida mais cedo por todos e em maior eminência na atualidade.

2.3 LETRAMENTO É CONSTRUÇÃO CRÍTICA OU SITUACIONAL?

O ato de comunicar-se e trocar experiências não é recente, remonta à nossa origem e ao desenvolvimento das relações interpessoais. De certo modo, sustenta-se o argumento de que a linguagem verbal ainda resiste como uma das formas de expressão e comunicação mais utilizadas pelo homem, apesar das intensas mudanças das formas de ser e manifestar-se. Todavia, para STREET (2014), a ideia de evolução tem uma tendência universalizante: ela

não nos ajuda a explicar por que e como diferenças específicas entre escrita e fala emergiram e foram reproduzidas em determinados contextos.

[...] De maneira mais geral, a suposição teórica de que fatos sociais podem ser explicados com referência às suas “funções” – de que eles satisfazem “necessidades” – tem sido questionada na antropologia (onde foi muito popular por algum tempo). Um problema é sua circularidade: como sabemos que há uma necessidade de tal coisa? Por que ela evoluiu para satisfazer tal necessidade. Como sabemos que evoluiu com tal propósito? Porque é o que ela faz hoje. (STREET, 2014)

Conduzir uma reflexão que envolva os letramentos múltiplos, tema tão aventado, e, por conseguinte, inventariar as competências que o tornam fundamental para o ideal discorrer dos novos espaços de atualização no ambiente virtual, parece ousado. Possivelmente, a metodologia considerada mais pertinente ao processo seria a etnográfica, por permitir o acolhimento das vozes, das práticas locais de letramento, em singular as escolares, mas por restrições diversas, apoiar-se-á na pesquisa bibliográfica pela contribuição enriquecida que tem a oferecer.

Dessa forma, numa tentativa de síntese, recorro a Arantes (2010), na apresentação simples que faz do termo letramento:

refere-se aos usos sociais da escrita, ou, em outras palavras, ao envolvimento dos indivíduos com as práticas sociais de leitura e escrita. Isso implica o domínio de toda a tecnologia da escrita, o que supõe competência de leitura e escrita dos diversos gêneros textuais em função dos diferentes objetivos e demandas sociais. (ARANTES, 2010, p. 29)

Embora, no trato do tema específico, a autora apresente também a definição do termo por Kleiman (1995), que por sua vez define letramento como o conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos também específicos. Logo, essa autora, concebe letramento como o conjunto de práticas, do indivíduo ou grupo social, relacionadas com a escrita, determinadas e disponibilizadas pelas condições sociais.

De outro jeito, Soares (1998) considera letramento o resultado da ação de apropriação da leitura e escrita, ou seja, o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo em consequência de ter se apropriado da escrita. A mesma supõe que essas práticas têm efeitos sobre os indivíduos e os diferenciam daqueles que não têm acesso às referidas práticas sociais (ARANTES, 2010)

Logo, apesar de diferenças conceituais, é possível destacar que as duas autoras compartilham a definição de letramento envolvido com práticas sociais que inserem leitura e escrita. Isso posto, acorda-se com o conceito de letramento que diz respeito diretamente a uma das facetas da constituição da cidadania, e tal definição revela seu lado ideológico, pois representa concepções de homem e de mundo a questões que inferem sobre que tipo de cidadão queremos formar.

E com o propósito de fortalecer neste espaço o caráter crítico que importa na sociedade, que seleciona e valida códigos conforme sua necessidade e interesse, tem-se em Street este perfil de posicionamento. O autor observa que diante de:

[...] uma sociedade de classes com interesses que prevalecem divergentes, e já se apontou anteriormente a relação saber-poder, salienta-se a teoria atual para dizer que o letramento em si mesmo não promove o avanço cognitivo, a mobilidade social ou o progresso e por isso, tem-se novamente as práticas letradas que são específicas ao contexto político e ideológico e suas consequências variam conforme a situação. Isso não nos leva a abandonar os esforços por difundir e desenvolver os usos e significados do letramento: de fato, nos força a questionar se o atual quadro teórico em que tais atividades são conduzidas é o mais proveitoso. A tarefa política, por conseguinte, é complexa: desenvolver estratégias para programas de alfabetização /letramento que lidem com a variedade de necessidades letradas na sociedade contemporânea. Isso exige que os planejadores de políticas e que os discursos públicos sobre letramento levem em maior conta as habilidades presentes das pessoas; que lancem o foco sobre o caráter ideológico e específico ao contexto dos diferentes letramentos. (STREET, 2014)

Por ora, junta-se ao desassossego daqueles que se preocupam com o futuro do letramento e dos indivíduos. Tem-se em Street (2014) relatos da Conferência de Persépolis sobre Letramento da UNESCO (e os seguidores de Paulo Freire), em que os governos do mundo em desenvolvimento e suas agências internas frequentemente comungam das principais características da cultura e do estilo ocidentais (FREIRE, 1978, 1985; UNESCO, 1975) e valoriza-se a associação feita que indica, nesse modo, muitas vezes que o letramento está sendo introduzido junto com toda uma gama de características da sociedade ocidental – formas de industrialização, burocracia, escolarização formal, medicina e assim por diante.

2.4 TIC, COMUNICAÇÃO E NOVOS LETRAMENTOS.

Ao trazer à cena desse estudo as influências múltiplas que conduziram às mudanças de paradigmas de práticas sociais, faz-se importante um breve retrocesso temporal e, diante da importância, decide-se remontar ao período do marco da Revolução Industrial, centrada nas máquinas e que promoveu uma alteração significativa na natureza do mercado de trabalho.

Segundo Moreira (2005), uma nova concepção de sociedade, baseada em novas práticas e valores derivados do mundo industrial, começou a ser aceita e difundida. “Cooperação e especialização, ao invés de... competição, configuram os núcleos de uma nova ideologia.” (MOREIRA, 2005, p. 10). O sucesso na vida profissional passou a requerer evidências de mérito na trajetória escolar. Ou seja, novas credenciais, além do esforço e da ambição, tornaram-se necessárias.

Importante destacar-se a reincidência de valores sociais elegidos em outras situações para o cumprimento de outros encaminhamentos, politicamente organizados. Consequentemente, identifica-se em Moreira a alusão ao papel oferecido à escola.

A escola foi, então, vista como capaz de desempenhar papel de relevo no cumprimento de tais funções e facilitar a adaptação das novas gerações às transformações econômicas, sociais e culturais que ocorriam. (MOREIRA, 2005)

Desse modo, considera-se que esse conjunto de condições foi propício para gerar os novos processos de desenvolvimento para a coletividade, conforme Braga (2013), e contribuiu para o aparecimento da Sociedade da Informação.

Nesse contexto histórico, que originou grandes investimentos no desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação e, atualmente, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), “a moeda de valor” passou a ser o domínio do conhecimento e o aumento dos recursos disponíveis para difusão e trocas de informações gerou novas formas de construção e socialização de conhecimentos: os novos letramentos. De mais a mais, adiciona Braga (2013), a criação de redes sem fios oportunizou a circulação de novas práticas letradas, que ocasionaram efeitos nas práticas sociais. Desse modo, à medida que tais estágios se ampliaram e se consolidaram como práticas, o uso da internet passou a ser uma demanda social e não apenas uma mera escolha.

Salientar que a vida de quase todas as pessoas já é direta ou indiretamente afetada por esse tipo de tecnologia, apesar de recorrente, diz respeito a uma situação de fato. No

entanto, enquanto parte do grupo de imigrantes digitais, compartilha-se o argumento em não ignorar que a interação com as máquinas digitais solicitam além do aprender a gerenciar as operações de comandos (o que, admite-se, já representa certo desafio), também verificam-se as mudanças expressivas nos modos de ler e produzir textos. Tem-se, em Braga, a afirmação de que “em meios digitais, estamos todos imersos em enunciados multissemióticos e hipertextuais” (BRAGA, 2013, p. 41). Para a autora, esse panorama que parece

[...] assustador e novo para alguns professores, é, na realidade, uma ampliação e continuação de um processo de mudanças nas práticas de letramento que já é bastante familiar. Ou seja, embora essas alterações tenham sido aceleradas e mais evidenciadas com a popularização da internet, elas seguem uma lógica de evolução que, além de antiga, é até certo ponto esperada e previsível... Na complexa passagem da teoria para a prática surge sempre uma questão chave: como concretizar as mudanças apontadas como desejáveis? De um modo geral, é plausível acatarmos a tese de que se as mudanças sociais foram geradas pelo uso da tecnologia, é nela também que encontraremos caminhos que nos permitam mudar as práticas educativas. (BRAGA, 2013, p. 41).

Por esse motivo, ciente das múltiplas influências que um feito produz em outros e assim poderá ter sua ação dilatada numa contínua teia de novos impulsos e descobertas, entende-se reforçado o conceito de “uma tecnologia inspirando ou informando a criação das outras” (BRAGA, 2013, p. 41).

Em diálogo estendido com Braga (2013), comunga-se a ideia de que as redes sociais ampliam as possibilidades de ajuda mútua, cooperação e colaboração entre profissionais e leigos e também entre indivíduos que mesmo tendo saberes fragmentados sobre um determinado tema, podem juntos construir visões mais complexas e abrangentes.¹

Na atualidade, a problemática social que envolve a todos deste mundo globalizado, faz refletir sobre os projetos político pedagógicos das escolas, em especial as brasileiras, no que se refere ao desenvolvimento de consciência coletiva. Quanto a isso, valoriza-se a menção em Braga de que o aluno de hoje, mais do que conteúdos, precisa ser educado para o desenvolvimento de olhares críticos e de habilidades e estratégias que lhes permitam discriminar a natureza de problemas práticos, geralmente particulares a determinados contextos sociais e mutáveis e ressalta que

¹ O movimento do software livre já evidenciou a colaboração citada.

[...] a definição de caminhos para a ação demanda diferentes perspectivas de análise e indivíduos que saibam construir conhecimento através de trocas coletivas (como a do movimento do software livre) e também em práticas de estudo autônomo e reflexivo. Nos dois caminhos que conduzem à aprendizagem, o indivíduo precisa desenvolver (i) estratégias de busca de informação e de critérios de seleção, (ii) competências para integração de áreas diversas, e (iii) senso crítico para saber avaliar as consequências sociais de suas escolhas, de sua posição ideológica. (BRAGA, 2013, p. 62).

Nesse espaço, desejou-se abordar a questão da produção das variações que a escrita atingiu ao se adequar às novas demandas sociais e ao ambiente digital. Entende-se que a escrita, enquanto forma de manifestação do humano, também foi desenvolvida em torno do ambiente e essa atividade hoje tem seus limites extensamente alargados, em função do desenvolvimento das ações da humanidade.

Os diferentes caminhos de leitura oferecidos pelo hipertexto são produtos de escolhas e hierarquizações tanto no nível de sentido quanto no nível de estruturação técnica. Ao contrário do que acontece na escrita, a produção de textos digitais não se faz de forma direta, ou seja, é necessário que o autor recorra a linguagens técnicas capazes de traduzir suas escolhas de sentido em comandos para os componentes eletrônicos responsáveis pela geração de interface. (BRAGA, 2005, p. 75)

Supõe-se que a noção prévia dos campos da programação e design deveria fazer insurgir no usuário leitor a percepção das convergências ora instaladas nos encaminhamentos possibilitados e naqueles desprestigiados em situação de consulta na WEB.

[...] Além disso, nem o acesso aos hipertextos, nem suas leituras ocorrem de modo direto. A interação usuário/leitor com banco de dados é diretamente mediada por uma interface técnica que permite algumas possibilidades de consulta e exclui outras. Ponderando sobre essas questões, Walton (2004) sugere que os novos letramentos precisam considerar de forma mais cuidadosa o que está por detrás da tela: o campo dos programadores e designer que desenvolvem as linguagens técnicas e os sistemas de categorização utilizados na comunicação via rede. (Braga, 2005, p. 75)

Conjectura-se, em hipótese, que a habilidade em migrar para muitas atividades no espaço digital, tão explicitamente oportunizado às novas gerações, não privilegiou, em semelhante medida, o desenvolvimento do espírito crítico ideal para elaborar as necessárias distinções. Além disso, ao se considerar os impulsos promovidos nas pessoas a partir do contato estendido com outras formas de difusão, tem-se que

[...] Esse tipo novo de comunicação tem um impacto na forma como organizamos nossa realidade e fazemos sentido do mundo em que vivemos. Manovich (2001) chega mesmo a sugerir que neste contexto de mudanças, a narrativa deixa de ser a forma privilegiada de expressão cultural. Ou seja, os objetos culturais gerados no meio digital não contam mais histórias que têm começo, meio e fim ou possuem um desenvolvimento temático ou formal que organize seus constituintes em uma sequência dada. Em vez disso, tais objetos apresentam-se como coleções de itens individuais de dados, estruturados de modo a maximizar sua busca e recuperação através de computadores. Segundo o autor, essa nova forma de cultura modela o mundo através de classificações e categorizações que tipifica a lógica dos bancos de dados. Como salienta Snyder, ao contrário das narrativas, que criam uma narrativa de causa e efeito, o banco de dados apresenta-se aos usuários como um sistema de categorização potencialmente poderoso, que oferece um conjunto de opções para escolha e visualização de grupos de dados (itens de informação). (BRAGA, 2005, p. 76)

Outra questão posta em foco por Braga é que um site, assim como o hipertexto isolado, prevê uma arquitetura composta por mapas e diretórios hierarquizados. Como toda situação de construção textual, essas organizações orientam-se por modelo de mundo e de possíveis leitores, ambos culturalmente marcados.

Destacar a necessidade de um questionamento reflexivo acerca dos dados disponíveis para consulta na rede e a forma como esses foram organizados foi a pretensão desse levante. Quiçá pareçam até redundantes, mas suspeita-se que ainda se participa de uma “massa de manobra”. Pra qual caminho dirigir-se, se o mundo pede mudança e evolução?

2.5 PRÁTICAS DE LEITURAS NA INTERNET – CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO HIPER-LEITOR

Num entendimento comum de construção de um mundo melhor, mesmo utópico, pensou-se anteriormente que os caminhos da educação e da comunicação estariam entrelaçados para promover a evolução tão desejada de uma sociedade mais igualitária e harmoniosa. Entende-se que o acesso facilitado às informações, outrora contidas, criaram atalhos que não eram assim oportunizados antes do advento da rede global, mas também produziu novas necessidades e comportamentos nos indivíduos.

[...] O hipertexto surge como um produto de avanços tecnológicos que permitiram a ligação e a recuperação ágil de arquivos de informação. A expansão do uso de banco de dados vem em resposta a demandas sociais específicas que mobilizam um saber novo e multiplicam a memória da escrita, exposta agora na tela. O volume, a diversidade de informações que circulam na atualidade exige formas mais rápidas de armazenamento, consulta e contraste de dados, o que gera mudanças na natureza do letramento, já que há uma alteração significativa nos modos de produção e leitura de textos e na inserção dessas atividades nas práticas sociais. A leitura de hipertextos difere da leitura de textos impressos, na medida em que demanda o desenvolvimento de habilidades e estratégias específicas para o meio digital. (BRAGA, 2005, p. 77-78).

Importa destacar que o vivo e rápido desenvolvimento das formas de comunicação incute velocidade a todo o sistema que o envolve, inclusive o humano. A lacuna observada neste estudo é a educacional, no sentido de competências básicas a serem promovidas para capacitar mais criticamente os cidadãos num letramento conjunto que não descuide da condição humana de reflexão.

[...] A compreensão da leitura de textos escritos não pode ocorrer sem que haja um conjunto de inferências na construção do sentido (Braga,1990). Algumas vezes a leitura do texto solicita que recupere, do contexto, as marcas de coesão ou relação lógica entre as ideias, deixadas implícitas pelo autor. Na interação com o hipertexto, o leitor deixa de contar com a linearidade e com o eixo argumentativo textual, que oferecem um contexto para sua leitura. É necessário, portanto, que esse leitor construa uma coesão e uma estrutura lógica que integre e confira sentido aos diferentes fragmentos textuais lidos. Esse tipo de prática pode ser semelhante àquela que já acontece na leitura para pesquisa, quando leitores consultam diversas fontes simultaneamente. A diferença, no entanto, é que, no caso de hipertextos, o texto não permanece disponível. (BRAGA,2005, p.78)

2.6 CASO ESCOLA – POSTURAS E PRÁTICAS DA SALA DE AULA.

No exercício docente junto aos Anos Iniciais, é muito provável encontrar como público, os alunos, nascidos mais recentemente e, por isso, enquadrados nas chamadas geração Z e geração Alpha. Essas crianças vêm ao mundo e à escola, num ambiente com características digitais acentuadas e com interesse voltado às novas tecnologias. Apesar disso, cabe destacar que o papel maior da escola não residiria em concorrer a estrada dos novos paradigmas de serviços, para atrair uma comunidade móvel, hiperconectada, crítica e possivelmente exigente. Porém, se o aluno mudou e a escola dele necessita, cabem mudanças no agente educacional, o professor, maiores do que usar a lousa digital.

De acordo com Fonseca Júnior (2019), há uma infinidade de argumentos para justificar esforços de inovação pedagógica, todavia, seleciona-se três pela forte interrelação:

- a) Para ajustar a prática pedagógica às características dos alunos para a construção do mundo em que queremos viver;
- b) Para aprimorar as experiências de aprendizagem;
- c) Para melhorar os resultados de aprendizagem.

A disposição do aluno como objetivo primeiro às quais as estratégias devem se orientar deve-se à constatação de que as crianças de hoje são bastante diferentes dos alunos que as gerações anteriores foram. De fato, observa-se a capacidade crítica e questionadora, a curiosidade, a condição de articular vivências a objetos de estudo e vice-versa, possivelmente derivado dos benefícios da globalização e do acesso facilitado a espaços antes só restrito ao público adulto elitizado. Por outro lado, também se verifica a impetuosidade e certa impaciência em alguns, talvez resultado do ambiente complexo e moderno em que as novas gerações crescem.

Certos estudos da Pedagogia avocam para algumas linhas e práticas educacionais às quais nutrem simpatia, contudo, a intenção neste estudo não é apontar ou eleger uma melhor, mas simplesmente citar aquela em que se tem a experiência observada, por considerá-la pertinente neste estudo, devido a sua relevância. Por isso, tem-se em Campos (2017), que o “Sistema Montessori é alicerçado na liberdade de escolha, no movimento, num ambiente de aprendizagem promotor de paz, da autoeducação, da autonomia, do respeito ao outro, e do espírito científico e crítico”.

Tais preceitos, idealizados desde o início do século passado, sugerem um olhar diferenciado para a causa da educação e da criança. Ou melhor: acredita no quanto a educação baseada nos princípios acima enunciados (educação integral do ser) pode promover na criança de hoje, o nativo digital, e no adulto de amanhã. Isso implica supor que a rede de relações iniciada na infância, pretende formar um cidadão ativo e responsável com sua aprendizagem e com as causas sociais do ambiente em que se insere.

Com o intuito de estabelecer algumas considerações sobre o papel da escola na transformação da sociedade, foi que se lançou mão da obra de Hermann Rohrs. Nessa, Maria Montessori foi apresentada como figura de proa do movimento da nova educação. Montessori, segundo Rohrs (2010), teve o estágio inicial de suas pesquisas com seus esforços concentrados nas crianças pequenas e só mais tarde ampliou o campo de suas pesquisas para incluir as crianças mais velhas e a família. “A infância era, a seu ver, a fase crítica na evolução do indivíduo, o período durante o qual são lançadas as bases de todo desenvolvimento ulterior”. (ROHRS, 2010, p.11)

O interesse suscitado por Montessori ainda hoje resulta do fascínio por sua personalidade e, em particular, por suas ideias, em especial o objetivo que atribuiu a seu trabalho, de fornecer à educação das crianças uma base científica sólida constantemente verificada pela experiência.

Maria Montessori nasceu em 1870 em Chiaravalle, na Itália e morreu em 1952, em Nordwijk, na Holanda. Foi a primeira mulher italiana a concluir medicina, com estudo sobre neuropatologia e, de acordo com Rohrs, foi uma das figuras autênticas da Educação Nova enquanto movimento internacional.

O conceito fundamental que sustenta a obra pedagógica de Montessori é que as crianças necessitam de um ambiente apropriado onde possam viver e aprender. A característica eminente de seu programa pedagógico é que ele dá igual importância ao desenvolvimento interno e ao desenvolvimento externo, organizados de forma a se complementarem. (Rohrs, 2010, p.17)

Observa-se, pela prática da docência neste método, que a inovação da experiência de Montessori não só levou em conta as preferências das crianças e seus centros de interesse, mas esforçou-se em promover a autodisciplina e o despertar do senso de responsabilidade. Em seus escritos, Montessori ressaltava a importância de desenvolver atitudes em vez de simples competências, pois, segundo ela, a atividade prática deveria criar uma atitude. Sua abordagem consistiu em “instaurar a ciência da observação” (Montessori, 1976, p.125). Assinalado por Rohrs (2010,p.23), esta abordagem exigia dos educadores e de todos os participantes do processo educativo recebessem uma formação nesses métodos, e que o

próprio processo educativo se desenvolvesse em um quadro permitindo controle e verificação científica.

Com o seu Método, Montessori apresentou ao mundo uma fecunda situação educativa na qual era possível a autoeducação. Ela afirmou que se Pestalozzi havia dado a liberdade sem os materiais e Froebel os materiais sem a liberdade, ela conseguira dar a liberdade junto com os materiais. (CAMPOS, p. 74, 2017).

Verifica-se, em ambiente montessoriano, que os materiais didáticos deviam operar uma escala, representando uma educação progressiva que permite à criança tomar a iniciativa e avançar na sua forma de realização.

Com essa abordagem, o mestre, pode deixar de ser o centro do processo educativo e agir a partir da sua periferia. Sua tarefa mais urgente é praticar uma observação científica e empregar sua intuição em descobrir as possibilidades e as novas necessidades. O desenvolvimento das crianças deve ser dirigido de maneira responsável de acordo com o espírito científico.(Rohrs, 2010, p.23).

Desse modo, promoveu-se a substituição do mestre crítico, pregador, por uma racional organização do trabalho que possibilitará, com liberdade, a instrução da criança.

O sistema Montessori nasceu na Itália, com a experiência educacional de Maria Montessori na chamada Casa dei Bambini. O reconhecimento importante do trabalho dessa médica-educadora italiana, do início do século XX, se mantém na atualidade, em pleno século XXI e ainda tende às necessidades das novas crianças.

Quanto ao aprimoramento das práticas educativas em busca de experiências de aprendizagem mais significativas, tem-se o fazer, a construção do conhecimento em elaboração a partir de uma prática diária de escolhas e compartilhamento de saberes durante a realização das atividades. A prática do “trabalho pessoal”, vivenciado diariamente pelos alunos da instituição, encena o fazer solidário e compartilhado, enquanto cada um dos indivíduos desenvolve suas habilidades e experiências para a construção da aprendizagem oportunizada.

Em relação à atenção aos resultados educacionais, demasiadamente significativos ao contexto educacional como um todo, consideram-se e aplicam-se múltiplos recursos, além dos verbais e escritos. Apresentam-se materiais diversos para rever a construção de conceitos das ciências como também para o aprimoramento das habilidades linguísticas da língua materna. O **uso da tecnologia digital** se dá como ferramenta de promoção de caminhos alternativos de aprendizagem. Para os grupos que compõem os Anos iniciais, há jogos que contemplam as disciplinas de História, Geografia, Ciências, Artes, Matemática, Português e Inglês, como segundo idioma.

Dessa forma, deseja-se fazer algumas considerações pertinentes ao exercício docente neste sistema em particular, introduzido na década de 70 numa renomada escola particular de Florianópolis, Santa Catarina, o Centro Educacional Menino Jesus (CEMJ), que em 2019 possui em torno de 2.000 alunos matriculados em suas sedes, uma localizada no Centro e outra no bairro Santa Mônica.

O Centro Educacional Menino Jesus é uma escola católica particular, de Educação Infantil e de Ensino Fundamental, que pertence à Associação das Irmãs Franciscanas de São José. A Congregação nasceu na Alemanha, em 1867. Emigrou para a Holanda, em 1875, de onde veio para o Brasil em 1926, estabelecendo-se em Angelina/SC. EM 1955, as Irmãs abriram uma casa no centro de Florianópolis e, para se manterem, começaram a dar aulas particulares. Inicialmente com 11 alunos, no ano seguinte com 88 e, desta forma, nasceu o Curso Elementar Menino Jesus em 15 de outubro de 1955. [...] O Sistema Montessori de Educação foi adotado oficialmente no Menino Jesus em 1973. (CENTRO EDUCACIONAL MENINO JESUS, 2013, p.4).

No presente, até mesmo o ambiente montessoriano convive e compartilha oportunidades de aprendizagem com a tecnologia, afinal, ela permeia a vida dos adultos e das crianças da instituição como um todo. De modo mais restrito, serão observadas algumas práticas dos Anos Iniciais que se desenvolvem a partir de novos conhecimentos e tecnologias que permitem aprimorar as experiências de aprendizagem dos alunos.

Na sala de aula, a inovação em Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) apresenta-se no uso diário de sistema de comunicação com Pais, no envio e recebimento de mensagens e comunicados condizentes à relação família e escola. Tem-se o material do Compartilha, que compreende os livros digitais dos alunos das disciplinas de Ciências e

Língua Portuguesa. Nesses, encontram-se objetos digitais com características de exemplificação dos temas em estudo e exercícios de verificação de aprendizagem.

2.7 SOBRE AS FERRAMENTAS EDUCACIONAIS

Em fase de estudo para implementação no ambiente virtual de aprendizagem aos discentes da instituição, o programa “Compartilha” tem sua apresentação de modo extremamente positivo.

Os livros digitais possuem o mesmo conteúdo do livro impresso, para visualização rápida e prática. Além de serem enriquecidos com recursos multimídia, possibilitam a realização das atividades de maneira interativa, com respostas automáticas.

O *Educate Bilingual Program*- Oferece uma plataforma de gestão da aprendizagem com acesso a variados conteúdos e funcionalidades digitais.

Dispositivos Móveis- Com os dispositivos móveis o professor tem mais facilidade para produzir e planejar suas tarefas no dia a dia, otimizando seu tempo para se dedicar mais ao acompanhamento de seus alunos.

Desenvolvimento profissional progressivo-

No pacote de serviços educacionais, permeando todas as etapas da implementação, é essencial para uma transição gradual a uma ambientação escolar bilíngue.

Fases *pré-service*

- 1.1- Os coaches, alinhados com gestores e mantenedores, promovem uma série de ações de diagnóstico e planejamento para a implementação do *Educate Bilingual Program*.
- 1.2- No *Educate Bilingual Program*, oferecem apoio na seleção e contratação de professores por meio de diferentes instrumentos de avaliação.
- 1.3- Reuniões com pais e responsáveis- Os *coaches* trabalham junto à escola no processo de comunicação com as no que diz respeito à apresentação e implementação do *Educate Bilingual Program*.

1.4- Os professores parceiros se beneficiam de formação inicial envolvendo os aspectos teórico-metodológicos do ensino bilíngue, com certificação própria.

Fase 2 - *In-service*

2.1- Reunião com gestão- Realizam diagnósticos e planos individuais de desenvolvimento para que os professores passem por um processo contínuo de aperfeiçoamento.

Teacher community- É a comunidade virtual de professores *Educate*, um canal aberto para troca de experiências, conhecimentos e capacitação profissional compartilhada.

Em cada sala de aula, além do enxoval característico do Sistema Montessori de educação, tem-se no computador disponível no ambiente, as ferramentas instaladas do *Google for education*. Já se participou de treinamentos conjuntos para capacitação docente, e pode-se citar alguns usos mais cotidianos realizados pelos professores dos Anos Iniciais, a saber:

a) O drive, que permite a disponibilização, consulta e construção conjunta de planejamentos da série entre os professores;

b) em situação de elaboração de projetos artístico-culturais, o mesmo meio permite que a comunicação se amplie e envolva o grupo docente com todos os setores que possam ter seus serviços solicitados nesta prática, com funções determinadas e divulgadas. Tal prática instaura uma compreensão mais explícita das etapas e do produto final que se deseja compor. Nos últimos anos tem-se documentado em vídeo as práticas de ensaios e das apresentações, disponibilizadas no canal do *youtube* da própria instituição.

Para o uso diferenciado do material didático solicitado aos alunos, faz-se uso de alguns projetos, como os abaixo discriminados:

Projeto Presente - Traz uma proposta multiplataforma, de acordo com a BNCC. Envolve as disciplinas de Ciências e Língua Portuguesa.

Portal educacional - Recursos digitais, vídeos com autores, sugestões de atividades e de avaliações prontas para aplicação, além de ferramentas como planejador interativo e banco de atividades.

Livro digital interativo - Experiência diferenciada de navegação para o aluno se adaptar às novas tecnologias desde os anos iniciais. Experimente: [www.moderna.com.br/livro digital](http://www.moderna.com.br/livro-digital).

Pilares divulgados do projeto Presente:

- 1 - Desenvolver as dimensões cognitivas, sociais e culturais, com foco na formação cidadã.
- 2 - Mobilizar conhecimentos das diferentes áreas e dos diversos componentes curriculares.

3 - Construir competências e habilidades para resolver situações

4 - Exercer a autonomia intelectual, por meio da investigação, cooperação, análise crítica e argumentação.

A instituição possui outros canais de interação. Há mais de 15 anos produz vídeos autorais com participação dos estudantes. Estimula-se a participação das crianças e jovens na construção dos roteiros e das entrevistas afins, mas a edição final é ainda de responsabilidade do agente profissional, situado no ambiente escolar. Os temas são diversos, mas pertinentes ao contexto educacional ao qual estão inseridos.

Além disso, possui página no *facebook*, o que oportuniza o compartilhamento e o encontro das gerações de alunos, pais e ex-alunos numa comunidade intitulada “Somos CEMJ”. Recentemente, o Centro Educacional Menino Jesus organizou um espaço multiuso, voltado à produção midiática dos alunos e professores com maior autonomia, privilegiando as distintas expressões artísticas que são fomentadas no rico ambiente que caracteriza a escola e valorizando a cultura *maker* dos estudantes.

Portanto, cabe valorizar o esforço em equipar o ambiente e em promover o interesse na capacitação dos agentes profissionais em contato direto e indireto com o aluno, afinal a razão maior dos esforços, pois representa as possibilidades futuras idealizadas.

A alusão ao Sistema Montessori de Educação para os Anos iniciais, com um fazer educacional capaz de contemplar e, principalmente respeitar o ser criança, com suas potencialidades, saberes e ritmos diferenciados, agregou humanização à prática educativa, de forma ímpar, baseada na atividade cooperativa e na construção da autonomia a se desenvolver no processo pedagógico individual. Ao trazer à cena o exemplo, incorporo a alusão de Braga (2013) sobre trabalhos de natureza interdisciplinar que auxilia os alunos a adquirirem múltiplos letramentos que são necessários à sua participação social efetiva fora do contexto escolar.

Sobre isso, ressalta-se que hoje, letrar um aluno sugere ir muito além das práticas tradicionais de letramento. As diferentes práticas de linguagem apresentadas pelas mídias e na internet produz relações imagéticas que antes não eram concebíveis e não podem ser desconsideradas.

Dessa maneira, apropria-se de constatações de Braga para discorrer sobre o entendimento da natureza e as consequências dessas transformações sociais para a formação crítica do aluno. Segundo Braga, este que já está, direta ou indiretamente,

[...] imerso em novas práticas e rotinas sociais. Essa imersão gera mudanças na maneira dos indivíduos pensarem, buscarem e compartilharem conhecimentos, estabelecerem relacionamentos e suas necessidades de momentos de lazer e envolvimento lúdico. Isso significa que o aluno mudou e o que ele traz para o ambiente escolar são novos tipos de habilidades leitoras e produtoras que foram desenvolvidas fora do controle escolar. Soma-se a isso a multiplicidade de fontes de informação que ora favorecem análises e contrastes necessários para a reflexão crítica, quanto gerar dispersão do leitor e instigar a construção de conhecimentos superficiais sobre uma infinidade de temas (BRAGA, 2013, p. 58)

A Internet apresenta-se como um campo vasto de pesquisa para o professor expandir seu repertório de recursos para aprimorar suas aulas e, por consequência, sua prática. Na rede da internet, é possível encontrar numerosos e diferenciados materiais sobre qualquer questão que o professor queira explorar na sala de aula.

O acervo digital, mencionado em Xavier (2002) e Braga (2005, 20013), também permite o acesso a algumas iniciativas voltadas especificamente para a disponibilização de materiais didáticos e, como exemplo, cita o Banco Internacional de Objetos de Aprendizagem

[...] que tem contribuições brasileiras e cuja produção foi subsidiada pelo MEC, oferece materiais digitais para professores que atuam nas diferentes disciplinas e níveis de ensino. Embora nem todas as sugestões sejam felizes na exploração do potencial dos recursos e das linguagens hipermídia, há nesse banco propostas bem criativas que merecem ser avaliadas pelo professor e expostas aos alunos. A interatividade dos construtos hipermídias pode proporcionar uma participação mais ativa do aprendiz e ajudá-lo, de diferentes maneiras, a adquirir conceitos complexos e abstratos Assim sábio não é mais aquele que é “bem informado”, mas sim aquele que sabe como construir, a partir de um conjunto diversificado de informações e meios, os conhecimentos necessários para a resolução de problemas específicos. (BRAGA, 2013, p. 61).

Portanto, se navegar é preciso, é papel desse estudo também destacar proveniências e benefícios oportunizados pela tecnologia, em foco. Destaca-se, a critério desta autora, o caráter de acesso facilitado à participação de indivíduos das mais diferentes camadas sociais, com a possibilidade de acessar à heterogeneidade de assuntos lá dispostos e, concomitantemente, disporem de oportunidade de serem vistos e lidos por um público amplo. A expressão em lacuna sugere que determinados grupos poderiam não ter suas práticas reconhecidas, enxergadas como reais e vivas e constitutivas do saber diverso e eclético do

mundo, se a característica plural da rede assim não as oportunizasse. Reforça-se o pensamento com a menção de Braga (2013) sobre o espaço virtual “que permitiu anular um conjunto de fatores que marcam de forma bastante rígida a interação da diversidade sociocultural na vida real: idade, gênero, aparência e sotaque, só para mencionar algumas variáveis” (BRAGA, 2013, p. 56).

Portanto, diante da característica eclética da organização da Internet, sem priorizar vantagens ou não, destaca-se a função significativa que cabe aos educadores no encaminhamento da formação dos sujeitos mais éticos, menos ingênuos e mais empáticos. Essa postura direcionada do professor, ciente de que as atividades humanas hoje se desenvolvem com maior complexidade do que foram em momento anterior, é de forte responsabilidade.

Todavia, a despeito dos numerosos benefícios, mas na apreensão referente aos efeitos concretos nas vidas dos indivíduos, associa-se aos teóricos que têm buscado categorizar algumas das alterações mais relevantes (BRAGA, 2013):

- a) A rapidez de transmissão de informação acelera os processos de transformações (técnicas, econômicas, culturais), tornando por vezes impossível prever as consequências de tais mudanças.
- b) Há menos espaço e tempo para a reflexão e abstração. Os indivíduos são obrigados a pensar rápido, dada a renovação contínua e a multiplicidade de fontes de informação.
- c) Há eminência da cultura da imagem e do espetáculo
- d) As transformações das coordenadas temporais e espaciais, que antes restringiam as possibilidades de interação, hoje permite que no ciberespaço a comunicação se construa em rede.
- e) A globalização do mercado e da cultura gera um novo tipo de homogeneização social.

2.8 NATIVOS DIGITAIS E PROFESSORES – TRÂNSITO NO HIPERTEXTO

Na abordagem do tema, elege-se também o Hipertexto como espaço importante e representativo neste estudo. Deseja-se, ao inseri-lo, destacar-se a proposta feita por Xavier (2002) e apresentá-lo não como um documento construído eletronicamente, mas sobretudo, como espaço de atualização virtual. Interessada pela investigação conduzida, faz-se referência àquelas que se mostram cabíveis neste alinhavar de conceitos que hoje mais parecem flunar.

Por ora, sugere-se considerar a probabilidade em ter-se alguns ambientes criados na internet com seu uso diferenciado daquele suposto inicialmente pelos programadores e organizados em tutoriais. Sobre isso, Preto (apud BRAGA, 2013, p. 98) afirma que “as novas tecnologias não são educacionais. São informacionais. Nós é que pomos pedagogias nelas”.

Segundo Xavier (2002), ainda faltam pesquisas sobre os efeitos do Hipertexto na educação, mas isso força os educadores a repensar seus objetivos educacionais, metodologias de ensino e propostas. Para ele, o Hipertexto multimidiático é como

[...] uma tecnologia enunciativa que viabiliza a emergência de uma nova forma de acessar, produzir e interpretar informações de maneira multissensorial que se constitui no modo de enunciação digital e que já convive há algum tempo com vários outros modos de enunciação existentes. No hipertexto viabilizado pela hipermídia não há concorrência, mas coocorrência entre os modos de enunciação. (Xavier, 2002, p. 97)

Ao considerar a inscrição do hipertexto como um dos desdobramentos surgidos a partir das novas interações usuário e meio, faz-se referência a Bolter, citado por Xavier (2002, p. 135) que classificou “esses hipertextos como sinestésicos, pois têm as mesmas qualidades dos verdadeiros textos eletrônicos. São semelhantemente flexíveis, dinâmicos e interativos”.

Todavia, cabe ressaltar e oferecer a possibilidade de reflexão oportunizada por Eco, também citado por Xavier (2002), quando preocupado com o poder potencial das imagens. “Na visão de Eco, o problema permanece em qualquer época. A comunicação visual tem que ser balanceada com a verbal (oral) e principalmente com a escrita. (XAVIER, 2002, p. 104)

Isso posto, na reunião de menções e reflexões, leva a valorizar-se os apontamentos percorridos anteriormente acerca da instrução do olhar como também ferramenta básica. As novas metodologias que indicam a participação ativa dos alunos no avanço de autonomia e de seu processo pedagógico consideram importante a intervenção do professor no processo de ensino e aprendizagem. Entende-se que os AVA foram criados para reproduzir práticas que já existiam em sala de aula, mas abriram-se pra novas oportunidades de informações.

Diante do que foi apontado, ao considerar as descrições que tipificam o nativo digital, citado em Braga (2013, p. 64-65), associa-se às possíveis intervenções do serviço pedagógico sendo trabalhadas em frentes principais:

- a) Auxiliar os alunos a terem mais clareza de caminhos possíveis para buscar informações;
- b) Promover situações de aprendizagem que propiciem o desenvolvimento das habilidades necessárias para as trocas e negociações inerentes ao processo de construções coletivas de conhecimento;
- c) Orientar seus alunos de modo a que sejam críticos em relação aos critérios que adotam no processo de seleção das informações que utilizam na construção de conhecimentos
- d) Finalmente, o professor deve instigar em seus alunos reflexões de natureza ética que vão determinar, em última instância, a natureza de sua participação e intervenção social.

Enfim, elege-se observar a formação competente do professor para a realização de suas novas funções, agregando-se saberes, intuições e novas práticas. Isso pode levar a classe docente ser capaz de transformar o sentimento de desilusão, característico de alguns, em compreensão mais clara e simples da realidade que a todos inscreve e circunda.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das pesquisas enunciadas neste trabalho, foi possível elaborar algumas considerações, numa organização que apresentou sentido à autora deste estudo. Assim sendo, aponta-se:

Falou-se em modos e formas de cultura, pois se entendeu que a escrita, enquanto linguagem, surgiu num determinado contexto histórico e é provável que naquele momento possivelmente representava anseios e necessidades da época. O feito, a escrita, provocou significativas mudanças no contexto histórico social;

Os multiletramentos concorrem, não entre si, mas em seus cursos. Se outrora o letramento alfabético, citando Barton (1994, apud Xavier, 2002) possibilitava ao indivíduo apoderar-se das suas vantagens e assim participar enquanto verdadeiro cidadão, atualmente tem semelhante relevância o letrado digital, que através das hipermídias assegura sua participação social.

O Hipertexto, com os hiperlinks, tem seu espaço alimentado por todos os demais canais de linguagem hoje identificados. Contudo, ao apontar o saber das novas tecnologias que nele se destaca, indica-se um grau de maior proximidade do saber/poder, citado nesta monografia. Ressalta-se, pois, o tempo reduzido das verdades (saberes), instalado no ambiente digital.

A citação dos clássicos neste estudo deve-se à importante relevância dos contextos históricos à prática de transmissão de saberes. Aquela, socrática, com características de uma forte oralidade, foi representante de um modelo de letramento e proveniente de uma relação dialógica experimentada entre mestre e discípulo. Tem-se hoje a necessidade de uma intervenção pedagógica mediadora e pontual;

Verifica-se a descontinuidade do poder soberano, pois o mesmo é questionado e/ou nutrido pelos novos saberes que incorporam valor ao conhecimento em si. Dessa maneira, observa-se uma espécie de retroalimentação social, em que as contínuas mudanças na sociedade, mudam a sociedade, que por sua vez, instiga comportamentos diferenciados nas pessoas que a compõem e assim, sucessivamente;

Se outrora as sociedades distinguiam-se entre segmentos cultos e incultos, letrados ou não, hoje prevalece certa observância de novo código de valor, a moeda corrente dos que postam, acessam e indicam com maior agilidade;

Em relação aos objetivos desta monografia, acerca das competências do letramento genérico que são solicitadas no letramento digital, destacou-se a habilidade refinada da leitura, não mais restrita ao texto escrito, mas com amplitude suficiente para considerar também as imagens estáticas e em movimento, que compreendem o repertório da rede. Por refinamento da habilidade leitora, presente no modelo ocidental de letramento, mantém-se imprescindível a capacidade de inferir sobre as informações e verificar a confiabilidade das mesmas, pois, em conjunto, simbolizam o adequado discernimento para o uso responsável do novo letramento, o digital.

Quanto às exigências do letramento digital que estão previstas na BNCC, considera-se que o cumprimento eficaz da Competência Geral de número 5 * representaria um caminho de ajuste adequado de serviços prestados à Sociedade em geral, pois tanto a escola, quanto a internet, surgiram com propósitos de benefícios sociais. Urge cumpri-los, pois a geração dos nativos digitais pode estar mais atenta do que supunha a generalidade.

As questões manifestas no início deste trabalho, relacionadas aos conceitos imprescindíveis para um usuário da rede – Internet – fazer as leituras com eficiência; sobre a função da gamificação e roteirização das aulas e os derivados desse novo contexto sociotécnico, merecem atenção pela importância para a adequação pedagógica e sugerem estudos futuros.

Enfim, aproximam-se reflexões para elaboração de ideias de conclusão. Essas envolvem a atualidade, as habilidades que prevalecem valorizadas e são demandadas pela sociedade na qual os indivíduos são avaliados não pelo conhecimento que dominam, mas pela capacidade de localizar informações, construir conhecimentos relevantes para questões específicas e compartilhá-los com outros membros que circulam nas comunidades e grupos com os quais interagem.

As novas metodologias que indicam a participação ativa dos alunos no avanço de autonomia e de seu processo pedagógico, consideram importante, senão imprescindível, a intervenção do professor no processo de ensino e aprendizagem. Cabe, mais do que nunca, o investimento na qualificação dos professores em serviço e em formação.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. São Paulo: Zahar, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRAGA, Denise Bértoli. **Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2013.
- BRAGA, Denise Bértoli; Ricarte, Ivan L. M. Letramento na era digital: construindo sentidos através da interação com hipertextos. **Rev. ANPOLL**, v. 1, n. 18, p. 59-82, 2005.
- BRAGA, Denise Bértoli. **Tecnologias digitais da informação e comunicação e participação social**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.
- CAMPOS, Simone Ballmann de. **A Institucionalização do Método Montessori no campo educacional brasileiro**. 2017. 398 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2017.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FONSECA Jr. Fernando Moraes. **O Futuro alcançou a escola?** São Paulo. Ed. Brasil. 2019.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Alma Educação, 2014.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MALINI, Fábio. Narrativas no Twitter: o fenômeno no Brasil e suas implicações na produção da verdade. **Rev. Lugar Comum**, n. 31, p. 121-142, 1994.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

- MONTESSORI, Maria. **Para educar o potencial humano**. Tradução de Miriam Santini. São Paulo: Papyrus, 2003.
- MORAN, José Manuel. Contribuição das Tecnologias para a transformação da educação. **Rev. Com Censo**, #14, v. 5, n. 3, p. 8-10, agosto 2018.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.
- PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ROHRS, Hermann. **Maria Montessori**. Recife: Massangana, 2010.
- SARMENTO, Maristela (coord.). **O futuro alcançou a escola?** São Paulo: Ed. do Brasil, 2019.
- SCHULTZ, Theodore W. **O capital humano: investimentos em educação e pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução: Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.
- XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. **O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital**. 2002. 220 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.